

Paris, 20 de agosto de 1951.

Prezado Dr. Durval

Estive duas semanas em Amsterdã que foram realmente exaustivas e só agora posso lhe enviar as impressões do Congresso. Antes de mais nada a organização foi perfeita, aliás essa impressão tem-se da Holanda em geral. O povo holandês é muito acolhedor, trabalhador e modesto. Achei a Holanda um encanto com seus canais e flores maravilhosas.

O senhor não calcula a satisfação que tive em ver o Jones, velhinho, ágil, com seus olhinhos muito expressivos assistindo a todas as sessões do congresso. Ele é uma figura inesquecível; fui cumprimentá-lo, me perguntou de onde eu era, quando mencionei Brasil tornou a perguntar e quando mencionei São Paulo comentou logo “much better”? A dra. Koch foi realmente muito eficiente, falou com todo o “staff.” No “meeting” final a nossa sociedade obteve o que pretendia e o Rio nem sequer foi mencionado. Burke, Arruda Câmara, Kemper, estavam lá muito diligentes, mas a sociedade parece que deixou a eles a resolução de suas dificuldades.

Outra figura que também me impressionou muito foi a de Melanie Klein, ela é imponente, bonita apesar da idade, fala pausadamente, com segurança, mas há nela algo amargo que não sei bem definir. Estava sempre cercada pelos seus discípulos: Paula Heimann, Rosenfeld, Philips, Rodrigues (um argentino que está há 3 anos em Londres) e uma outra discípula que é a mais jovem de todos e cujo nome não me lembra agora. Fui falar com ela, foi muito amável para comigo, chamou o Philips e este me apresentou à Dra Bick que é a trabalha com crianças. Desta forma já me pus em contato com a escola Kleiniana.

Também me aproximei do pessoal de Ana Freud. Esta tem muito charme, fala com um certo nervosismo; é clara no seu modo de expressar, tem muito tato, a sua atitude é um misto de timidez e orgulho. Ela é profundamente querida pelos americanos. Num dos seus “speech” nota-se que ela está se aproximando das ideias Kleinianas, mas apresenta-as como suas próprias, isto provocou uma irritação muito grande nos discípulos de Klein.

Conheci também Dra Alpert [ilegível] que trabalha numa clínica em Nova York. A preocupação atual da escola americana é desenvolver a psicoterapia de grupo, o que acham muito difícil. Em Amsterdã me pus em contato com a C.O.J. e apesar das férias pude obter informações que pretendo enviar detalhadamente a Virgínia.

Na Holanda a tendência é dar à criança que vive em Instituições algo de muito semelhante à vida de família, assim a assistente cuida geralmente de 6, 7 crianças como se fosse a mãe; e as crianças menores recebem mais assistência ainda, pois a proporção é de 1 adulto para 3 cr.

Visitei também um hospital de Doentes Mentais, psicóticos e neuróticos. O superintendente (médico-psiquiatra) trabalha lá há 15 anos, ele substituiu as celas por quartos individuais muito agradáveis. Todos os doentes trabalham, são realmente úteis. Vimos uma líder de um grupo que é doente também, mas que obteve uma grande melhora; ela tem muita sofisticação em contar que os casos mais difíceis ela consegue acalmar o que é impossível aos médicos.

Fiquei impressionada com a profunda compreensão do superintendente. Os doentes lá são divididos em mais ou – difíceis e conforme o ajustamento vão obtendo concessões, isto é mais responsabilidade, que é justamente o que acontece no

desenvolvimento de uma criança. Como seria bom se os nossos psiquiatras do Juquery pudessem fazer um estágio lá.

Conheci também aquela senhora suíça q tratou dum caso de esquizofrenia e que publicou 1 livro. Fiquei de me encontrar com ela na Suíça em janeiro, depois do estágio em Londres, pois ela está também muito interessada pelas ideias Kleinianas.

Como o senhor vê a Europa é ainda muito rica e tenho a impressão que mesmo os americanos tem muito que aprender aqui. Saudades à Erminda. Estou certa d que ela gostaria de ver a Holanda.

Fazendo votos pela sua saúde, envio-lhe os agradecimentos por esta minha viagem.

Afetuosamente,

Lygia